



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

TEOLOGIA, ÉTICA E PERVERSÃO POLÍTICA EM *WATCHMEN*¹

Theology, ethics and political perversion in Watchmen

Renato Ferreira Machado²

Gelson Weschenfelder³

Resumo: *Watchmen* é uma obra considerada como uma das mais importantes do final do século 20, tanto pela originalidade de utilizar a Arte Sequencial para discutir grandes questões políticas, culturais e sociais da época, quanto pela ousadia de seus autores, Alan Moore e Dave Gibbons, na elaboração de personagens realistas, brutais e profundamente humanos. Dentre as inúmeras abordagens possíveis à obra, este artigo desenvolve algumas reflexões a respeito do *mysterium iniquitatis* e da perversão da lei representada em *Ozymandias*, a partir de elaborações de Žižek e Lacan, para em seguida discorrer sobre a questão ética presente no personagem *Rorschach*.

Palavras-chave: Watchmen. Histórias em quadrinhos. Ética. Política. Teologia.

Abstract: *Watchmen* is a work considered to be one of the most important of the late twentieth century, both for the originality of using the Sequential Art to discuss the major political, cultural and social issues of this time, as the boldness of their authors, Alan Moore and Dave Gibbons, in developing realistic, brutal and deeply human characters. There are many possible approaches of this work, but this article develops some reflections on the *mysterium iniquitatis* and perversion of the law represented by *Ozymandias* based on elaborations of Žižek and Lacan, followed by a discussion about the ethical issue in this *Rorschach* character.

Keywords: Watchmen. Comics. Ethics. Politics. Theology.

¹ O artigo foi recebido em 1º de abril de 2016 e aprovado em 27 de maio de 2016 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² Doutor em Teologia pela Faculdades EST, São Leopoldo/RS, Brasil e Professor Colaborador no PPG em Memória Social e Bens Culturais e coordenador dos cursos de Teologia e Pedagogia no Centro Universitário La Salle (Unilasalle), Canoas/RS, Brasil. Contato: renatoferreiramachado@gmail.com

³ Doutorando em Educação pelo Centro Universitário La Salle (Unilasalle), Canoas/RS, Brasil e docente do Complexo de Ensino Superior Cachoeirinha (CESUCA), Cachoeirinha/RS, Brasil. Contato: gellfilo@terra.com.br

Considerações iniciais

No final da década de 1980, o escritor inglês Alan Moore⁴ e o ilustrador Dave Gibbons⁵ lançaram uma minissérie em quadrinhos intitulada *Watchmen*. Apresentando personagens desconhecidos do público, a história logo revelava suas intenções: não se tratava simplesmente de uma superaventura, como tantas outras publicadas na época, mas de uma desconstrução do próprio gênero no qual Moore e Gibbons trabalhavam. Em *Watchmen*, os dois desvelavam a cultura de disputa pelo poder presente no *American Way of Life* e revelavam o quanto os símbolos produzidos por essa cultura poderiam ser doentios, alienantes e perversos. Sobretudo, explicitavam as ramificações fascistas que subjaziam àquela realidade.

Não podíamos discutir esses personagens sem discutir o mundo que dera forma a eles, e não podíamos discutir esse mundo sem de algum modo nos referir ao nosso próprio, mesmo que de modo indireto. Assim, o que começou como meramente uma visão cínica e barroca da *Liga da Justiça da América* e seus congêneres, subitamente entrou para a ficção *mainstream* convencional de mercado, vestida apenas com um manto e uma roupa justa de cores berrantes. Tematicamente, começamos a perceber que estávamos brincando em uma nova vizinhança, assim como em termos de narrativa começamos a perceber que estávamos jogando um jogo relativamente novo.⁶

Inicialmente, Moore e Gibbons pensaram em construir sua história com personagens da *Charlton Comics*, que então havia sido adquirida pela *DC Comics*: o projeto dos autores era começar algo completamente novo com os personagens, livres das amarras cronológicas que os super-heróis da DC traziam. A editora do *Superman*, porém, tinha planos de inserir os personagens recém-adquiridos em sua cronologia oficial a partir da saga *Crise nas Infinitas Terras*. Com isso, Moore e Gibbons se viram impedidos de utilizar heróis como *Besouro Azul*, *Pacificador* e *Capitão Átomo* em sua história e precisaram criar heróis e heroínas inéditos, bem como um contexto

⁴ Alan Moore é um escritor britânico, nascido em Northampton no ano de 1953. Iniciando sua carreira na *2000 AD* e pela divisão britânica da *Marvel*, estreou no mercado de quadrinhos norte-americano ao roteirizar o *Monstro do Pântano*, da *DC Comics*, repropoando o personagem a partir de uma abordagem que misturava horror e ecologia. Nesse arco de histórias, Moore criou o mago *John Constantine*, que mais tarde se tornaria o mais importante personagem da linha de histórias adultas da DC – a *Vertigo*. Moore também escreveu a última história do *Superman* antes da reformulação editorial promovida pela DC com a *Crise nas Infinitas Terras*. Na história *O que aconteceu com o Homem de Aço*, Moore coloca um ponto final na fase da *Era de Prata* do herói. *Watchmen*, lançado em 1986 pela *DC Comics*, é considerada a obra-prima do autor e o marco fundador do gênero da superaventura para o século 21. GOIDANICH, Hiron Cardoso; KLEINERT, André. *Enciclopédia dos Quadrinhos*. Porto Alegre: L&PM, 2011. p. 327-328.

⁵ Dave Gibbons é um ilustrador inglês, nascido em 1949. Iniciando sua carreira na revista *2000 AD*, quadrinho inglês, começou sua carreira no mercado norte-americano ilustrando as histórias do *Lanterna Verde*. Sua consagração veio com a parceria com Alan Moore em *Watchmen*, em 1986. Gibbons também ilustrou roteiros de Frank Miller e trabalhou em revistas como *Os Melhores do Mundo* e edições especiais como *Batman Versus Predador*. GOIDANICH; KLEINERT, 2011, p. 183-184.

⁶ MOORE, Alan; GIBBONS, Dave. *Watchmen* – Edição Definitiva. Barueri: Panini, 2011. p. 417.

próprio para inseri-los. Sua opção foi por uma realidade alternativa, onde os primeiros heróis mascarados haviam aparecido na década de 1940, inspirados principalmente pela estreia do *Superman*, na revista *Action Comics* nº 1, de 1938. Esse *Zeitgeist* levou ao aparecimento do supergrupo de vigilantes chamado de *Minutemen*, formado por personagens como *Coruja*, *Spectral*, *Capitão Metrópolis* e *Comediante*, entre outros, que nada mais eram do que figuras arquetípicas dos super-heróis da *Era de Ouro*⁷ dos quadrinhos. A intenção dos autores com isso era apresentar um universo de personagens inéditos que mantivessem uma profunda familiaridade com os leitores, ao mesmo tempo em que desenvolviam sua história em uma realidade onde personagens como o *Superman* eram ficção. Estabelecia-se, assim, o grande paradigma de *Watchmen*: o que aconteceria se as pessoas resolvessem fazer justiça com suas próprias mãos, encarnando a própria justiça de forma simbólica, através de uniformes e nomes alegóricos?

A grande virada desse *background*, na narrativa, se dá com o aparecimento do *Dr. Manhattan*, na década 1960. Bem ao estilo dos quadrinhos da *Era de Prata*⁸, o personagem surge quando o físico Jonathan Osterman sofre um acidente em uma câmara de testes nucleares, tornando-se quase uma divindade da Física Quântica. Em uma clara alusão ao *Projeto Manhattan*⁹, esse superser garante a vitória dos Estados Unidos no Vietnã, mas agrava a Guerra Fria, que logo caminha para um iminente conflito nuclear. Ao mesmo tempo, a caça às bruxas *Macartista* havia forçado os super-heróis a se aposentarem: como a maioria ocultava o próprio rosto, não havia como saber se algum deles não seria um espião soviético. A história, então, começa com o brutal assassinato de um desses personagens: o *Comediante*, que continuava agindo em segredo para a CIA e é jogado de sua cobertura por um oponente misterioso.

⁷ A Era de Ouro dos Quadrinhos é considerada como o período que se estende da criação do Superman, em 1938, até meados da década de 1950, com o aparecimento dos quadrinhos de terror e a campanha desencadeada pelo livro *A Sedução do Inocente*, de Fredric Wertham, contra as HQs. Para saber mais, consulte: A HISTÓRIA das Histórias em Quadrinhos: a Era de Ouro. *Quadrinhos*. 12/04/2013. Disponível em: <<https://quadrinhos.com/2013/04/12/a-historia-das-historias-em-quadrinhos-a-era-de-ouro/>>. Acesso em: 15 fev. 2016.

⁸ A Era de Prata dos Quadrinhos é considerada como o período que se estende dos meados da década de 1950 até a década de 1970. Ela tem seu início marcado pela estreia de uma nova versão do *Flash*, na revista *Showcase* nº 4 e pelo início das atividades da editora Marvel. Para saber mais, consulte: A HISTÓRIA das Histórias em Quadrinhos: a Era de Prata. *Quadrinhos*. 08/04/2015. Disponível em: <<https://quadrinhos.com/2015/04/08/a-historia-das-historias-em-quadrinhos-a-era-de-prata/>>. Acesso em: 15 fev. 2016.

⁹ O Projeto Manhattan foi um projeto de pesquisa e desenvolvimento liderado pelos Estados Unidos e Grã-Bretanha para a produção da primeira bomba atômica.



Figura 1: Morte do Comediante

Fonte: WATCHMEN – O Filme. Direção: Zack Snyder. Produção: Lawrence Gordon; Lloyd Levin e Deborah Snyder. Los Angeles: Warner Brothers, 2009. 1 DVD (162 min). Cap. 1. © 2009, Warner Brothers, inc. Todos os direitos reservados.

O fato leva os outros heróis a voltarem à atividade, em busca do assassino: a descoberta de sua identidade é a síntese de toda crítica que Moore e Gibbons desejavam fazer sobre esse modelo de sociedade. O assassino é um dos heróis, aquele que é conhecido como *Ozymandias*, o homem mais inteligente do mundo. O assassinato, na verdade, fora uma forma de acobertar seu plano, que havia sido descoberto pelo *Comediante*: ante o iminente conflito nuclear, *Ozymandias* pensara em uma maneira de unir de vez as superpotências em conflito, colocando-as contra um inimigo em comum, diante do qual todas as diferenças ideológicas seriam esquecidas, em nome da defesa da própria humanidade. *Ozymandias* cria esse inimigo em seus laboratórios e o lança sobre Nova Iorque, arrasando a cidade e matando boa parte da população. Originalmente, nos quadrinhos, o personagem utiliza uma forma de vida mutante para destruir a metrópole. Na adaptação cinematográfica de 2009, Nova Iorque é arrasada por uma onda de energia atômica extraída do *Dr. Manhattan*. A Guerra Fria termina e a vida segue, em um planeta amedrontado.

De Ozymandias a Paulo de Tarso

A estratégia de *Ozymandias* parece guardar uma semântica intrínseca com o discurso de Paulo em Rm 7¹⁰, em que ele explana sobre os limites da Lei que, mesmo

¹⁰ Rm 7, segundo a versão portuguesa da Bíblia Edição Pastoral: “Ou vocês não sabem, irmãos – falo a pessoas competentes em matéria de lei –, que a lei tem domínio sobre alguém só enquanto ele vive? Por

sendo justa e santa (Rm 7.12), não nos livra do mal, uma vez que não fazemos o bem que queremos, e sim o mal que não queremos (Rm 7.19). Paulo ainda ressalta que, não fosse pela lei, ele não conheceria pecado, pois o mandamento de não cobiçar o levou à cobiça (Rm 7.7). Ele, porém, não culpa a lei, mas o próprio pecado, que se aproveita da lei para levá-lo à prática do mal e revelar o pecado em toda a sua perversidade (Rm 7.13). A saída para essa situação se encontra na morte e na ressurreição em Cristo que, libertando do pecado, liberta também da lei (Rm 7.4-6) através da graça.

O pecado é a posição subjetiva do sujeito da lei; ele só pode ser superado saindo-se daquela sujeição para se tornar o sujeito da vida. O pensamento, estando inicialmente impotente sob a condição da lei, não pode responder inteiramente pelo brutal recomeço no caminho da vida no sujeito, ou seja, pela conjunção redescoberta entre o pensar e o fazer – algum evento contingente que exceda a ordem do pensamento, o que Badiou chama de *Evento-Verdade*, é necessário justamente para restabelecer o poder de um pensamento ativo.¹¹

Alan Badiou toma essa passagem como o anúncio paulino de libertação da lei pela graça. O filósofo marroquino sustenta que lei, neste contexto, é a descrição da

exemplo: a mulher casada está ligada por lei ao marido enquanto este vive; mas, se ele morre, ela fica livre da lei conjugal. Por isso, enquanto o marido está vivo, se ela se tornar mulher de outro homem, será chamada adúltera. Mas, se o marido morre, ela está livre em relação à lei, de modo que não será adúltera se ela se casar com outro homem. Meus irmãos, o mesmo acontece com vocês: pelo corpo de Cristo, vocês morreram para a Lei, a fim de pertencerem a outro, que ressuscitou dos mortos, e assim produzirem frutos para Deus. De fato, quando vivíamos submetidos a instintos egoístas, as paixões pecaminosas serviam-se da Lei para agir em nossos membros, a fim de que produzíssemos frutos para a morte. Mas agora, morrendo para aquilo que nos aprisionava, fomos libertos da Lei, a fim de servirmos sob o regime novo do Espírito, e não mais sob o velho regime da letra. Que diremos então? Que a Lei é pecado? De jeito nenhum! Mas eu não teria conhecido o pecado se não existisse a Lei, nem teria conhecido a cobiça se a Lei não tivesse dito: “Não cobicie”. Mas o pecado aproveitou a ocasião desse mandamento e despertou em mim todo tipo de cobiça, porque, sem a Lei, o pecado está morto. Antes eu vivia sem a Lei; mas, quando veio o mandamento, o pecado reviveu, e eu morri. O mandamento que devia dar a vida tornou-se para mim motivo de morte. Porque o pecado aproveitou a ocasião do mandamento, me seduziu e, através dele, me matou. A Lei é santa e o mandamento é santo, justo e bom. Então uma coisa boa se transformou em morte para mim? De jeito nenhum! Foi o pecado que fez isso. Pois o pecado, através do que é bom, produziu em mim a morte, a fim de que o pecado, por meio do mandamento aparecesse em toda a sua gravidade. Sabemos que a Lei é espiritual, mas eu sou humano e fraco, vendido como escravo ao pecado. Não consigo entender nem mesmo o que eu faço; pois não faço aquilo que eu quero, mas aquilo que mais detesto. Ora, se eu faço o que não quero, reconheço que a Lei é boa; portanto, não sou eu que faço, mas é o pecado que mora em mim. Sei que o bem não mora em mim, isto é, em meus instintos egoístas. O querer o bem está em mim, mas não sou capaz de fazê-lo. Não faço o bem que quero, e sim o mal que não quero. Ora, se faço aquilo que não quero, não sou eu que o faço, mas é o pecado que mora em mim. Assim, encontro em mim esta lei: quando quero fazer o bem, acabo encontrando o mal. No meu íntimo, eu amo a lei de Deus; mas percebo em meus membros outra lei que luta contra a lei da minha razão e que me torna escravo da lei do pecado que está nos meus membros. Infeliz de mim! Quem me libertará deste corpo de morte? Sejam dadas graças a Deus, por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor. Assim, pela razão eu sirvo à lei de Deus, mas pelos instintos egoístas sirvo à lei do pecado”.

¹¹ KOTSKO, Adam. Política e perversão: Paulo segundo Žižek. *Cadernos de Teologia Pública*, São Leopoldo, v. 11, n. 88, 2014. p. 18. Disponível em: <http://ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/teopublica/088_cadernosteologiapublica.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2016.

divisão do sujeito entre poder e não poder, sendo o pecado a subjetividade deste em relação a essa lei. Aquilo que Paulo coloca como superação da lei, então – a morte e ressurreição de Cristo – trata-se, para ele, de um *Evento-Verdade* que restabelece o poder de um pensamento ativo e supera todas as divisões. A maior delas, inclusive, que é a cisão entre vida e morte. Em síntese, Badiou entende o texto como possibilidade de superação da própria divisão identitária do sujeito.¹² Com isso, voltamos a *Ozymandias*.

No ambiente de *Watchmen*, a “lei” é a guerra estabelecida entre as superpotências do capitalismo e do comunismo. Em um contexto de anticomunismo apocalíptico, incentivado para angariar votos no congresso¹³, Moore e Gibbons extrapolam essa neurose cultural mantendo Richard Nixon no poder por quatro mandatos consecutivos. A partir dessa norma, que divide o mundo em aliados e inimigos, a própria dinâmica subjetiva individual é reconfigurada com a imposição de limites pessoais proibitivos de quaisquer linhas de diálogo com o “outro lado”. Nesse sentido, os vigilantes uniformizados, apesar de agirem na mesma sistemática ideológica do lado em que se encontram, parecem acenar para uma possibilidade de ação para além dos limites impostos. Ao vestirem seus uniformes e máscaras, aqueles homens e mulheres parecem não ter mais dúvidas quanto ao que fazer e como agir: eles alcançaram uma unidade plena entre intenção e ação, e, ao aparecerem em público, todos sabem que tipo de ação esperar deles.

Os poderes e as instituições não são hoje deslegitimados porque caíram na ilegalidade; é mais verdadeiro o contrário, ou seja, que a ilegalidade é difundida e generalizada porque os poderes perderam toda consciência de sua legitimidade. Por isso é vão acreditar que se pode enfrentar a crise nas sociedades por meio da ação (certamente necessária) do poder judiciário – uma crise que investe a legitimidade não pode ser resolvida somente no plano do direito. A hipertrofia do direito, que tem a pretensão de legisferar sobre tudo, revela, isso sim, através de um excesso de legalidade formal, a perda de toda legitimidade substancial.¹⁴

A princípio, portanto, esses super-heróis não sofreriam do dilema moral do *mysterium iniquitatis*: fazer o *bem* e combater o *mal* é a tarefa que assumem e, mesmo agindo à margem da lei, acabam legitimados por suas ações. Por isso é importante lembrar que Agamben continua sua reflexão sobre legalidade e legitimidade, lembrando que ambas as dimensões são integrantes de uma só máquina política e que não devem se sobrepor, sob pena de reduzir os mecanismos a uma legitimação fascista reacionária ou a uma situação de paralisia política por excesso de legalismo.¹⁵ A face pública dos super-heróis de *Watchmen*, por isso, encobre as relações mantidas em

¹² KOTSKO, 2014, p. 19.

¹³ HOBSBAWN, Eric. *Era dos Extremos – O breve Século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 232.

¹⁴ AGAMBEN, Giorgio. *O Mistério do Mal*. São Paulo: Boitempo, 2015. p. 10-11.

¹⁵ AGAMBEN, 2015, p. 12.

nível privado e, no decorrer da história, percebe-se que o *bem* realizado em público pode ser apenas algo montado para parecer bom, mas que tem raízes em profunda iniquidade. O extremo dessa situação se dá exatamente quando *Ozymandias* resolve gerar um *Evento-Verdade* que supere a dicotomia bélica. Não se pode dizer que seu plano não funciona. O preço, porém, é alto demais: ao contrário de Cristo, que se deixa imolar para a salvação de todos, o personagem imola inocentes em nome de um futuro desejável.

Lei e perversão

O problema, então, já não se encontra mais no cumprimento ou não da lei, mas na perversão que pode se criar na relação com ela.

O perverso, segundo a psicanálise lacaniana, pode ser descrito usando-se um dito dos oponentes de Paulo: “Façamos o mal para que venha o bem”. Em termos mais técnicos, o perverso é o sujeito que crê saber o que o Outro quer e o faz – e assim isso gera uma dinâmica em que, a despeito do que a lei moral diz, o perverso sabe que a lei está, na verdade, induzindo-o furtivamente a violar a lei, talvez a fim de preservar a própria ordem legal em face de alguma ameaça maciça, mas talvez também simplesmente para dar à lei a oportunidade de exibir seu poder. Isso é o que Žižek chama, alhures, de “o suplemento do superego obscuro”, invocando um superego especificamente lacaniano que incentiva ativamente violações da lei, mas justamente para manter o poder da lei – e não a “consciência culpada” do freudismo popular.¹⁶

E essa perversão é exatamente aquilo que guia *Ozymandias* em seu plano: façamos o mal para que venha o bem. A problemática levantada por Paulo, então, não se encontra na rebeldia contra uma lei que escraviza, mas no assumir outra postura diante dela. A questão que surge refere-se à busca de rompimento do ciclo vicioso entre lei e desejo, dentro do qual as paixões vivas precisam ser disfarçadas para que a lei não seja transgredida. Nesse sentido, podemos seguir a análise que Lacan faz a respeito da mesma passagem bíblica, na qual o psicanalista coloca o desejo no nível da ética, ao invés de subtraí-los ao nível de neurose freudiana.¹⁷

Assim, o problema da perversão da lei vem não do desejo que a rompe, mas da exclusão do desejo como algo a ser evitado e a chave para um *Evento-Verdade* que supere essa dualidade se encontra na integração das pulsões de morte no horizonte da vida ressuscitada. Se Badiou compreende o *Evento-Verdade* da *ressurreição* como superação da morte, Lacan e também Žižek o tomam como ressignificação dessa diante da revelação de uma dimensão absoluta de vida que já não se submete ao morrer. E a dimensão absoluta da vida se traduz em uma misericórdia tão abundante que supera qualquer expectativa de perdão. Se isso está na nascente da tradição cristã e se apre-

¹⁶ KOTSKO, 2014, p. 20.

¹⁷ KOTSKO, 2014, p. 21.

senta como absoluta novidade naquele contexto histórico, o tempo trará novas práticas perversas, na medida em que a compaixão se transmuta em lei.

Voltemos a *Watchmen*. Se *Ozymandias* consegue levar ao êxito seu plano, a história não se encerra com sua vitória. No epílogo, avançando alguns anos no futuro, Moore e Gibbons mostram um diário onde os segredos de *Ozymandias* estão registrados, sendo encontrado por jovens jornalistas, em sua redação. O diário pertencia ao mais trágico dos vigilantes: *Rorschach*, um homem obcecado em fazer criminosos reconhecerem suas culpas, punindo-os com desmedida violência.



Figura 2: Rorschach

Fonte: MOORE; GIBBONS, 2011, p. 195.

© 2011, DC Comics, inc. Todos os direitos reservados.

Rorschach cobre o rosto com uma máscara branca, com manchas negras que mudam de forma constantemente, conforme o teste psicológico de onde ele retirou seu codinome. *Rorschach* é a lei encarnada, que se abate sobre os que a pervertem de maneira furiosa e impiedosa. Por isso é considerado também um criminoso e perseguido pela polícia. Ao investigar o assassinato do *Comediante* e chegar à identidade do assassino, acaba sendo morto pelo *Dr. Manhattan*, que compreende que, se o plano de *Ozymandias* vier à tona, a paz conseguida com o genocídio estará em cheque. *Rorschach* morre gritando por justiça e seu diário, encontrado anos depois de sua morte, será sua ressurreição, revelando a perversidade da política de paz de *Ozymandias*.

O diário de Rorschach: Falar a verdade é errado

Diário de Rorschach. 13 de outubro de 1985. Porque existe o bem e existe o mal. O mal deve ser punido. Mesmo no dia do juízo final, isso não irá mudar. Mas tem muitos merecendo pagar... e tão pouco tempo.¹⁸

Rorschach carrega um grande fardo em suas costas. Ele viu a verdadeira face da cidade, viu este mundo cheio de vermes, pelo que ele é: uma vala dos desgraçados, cada um escalando sobre as costas dos outros, por nada mais que um prazer insignificante, para simplesmente continuar essa vida patética por um segundo, um minuto, um dia a mais.

Diário de Rorschach. 12 de outubro de 1985. Esta manhã, no beco, havia um cão morto com marcas de pneu no ventre rasgado. A cidade tem medo de mim. Eu vi o rosto dela. As ruas são sarjetas dilatadas e essas sarjetas estão cheias de sangue. Quando os bueiros finalmente transbordarem, todos os ratos irão se afogar. A imundice acumulada de todo o sexo e matanças que praticaram vai espumar até suas cinturas e todos os políticos e rameiras olharão para cima, gritando “salve-nos”... e, do alto, eu vou sussurrar: “não”.

E continua:

Eles tiveram escolha. Todos eles. Podiam ter seguido os passos de homens honrados, como meu pai [...], homens decentes, que acreditavam no suor do trabalho honesto. Em vez disso, seguiram os excrementos de devassos e sem perceber, até ser tarde demais, que a trilha levava a um precipício. Não me digam que eles não tiveram opção. Agora o mundo todo está na beira do abismo, contemplando os liberais, intelectuais e sedutores de fala macia, que ardem no inferno... e, de repente, ninguém mais sabe o que dizer!¹⁹

Verdadeiramente, a mente desse herói é sombria, mas mesmo assim regida por um princípio simples, de longa e venerável tradição: o mal deve ser punido. Desta forma, Rorschach exemplifica a teoria retributiva da punição; ele sustenta que os malfeitores devem ser punidos por terem feitos maldades, pois esses merecem a tal punição. Todos nós desejamos punição. Todos nos sentimos um pouco do personagem, queremos corrigir erros e causar sofrimento aos malfeitores pelo crime cometido. Rorschach, como apropriado ao seu nome, nos deixa ver a nós mesmos.²⁰

Em nossa missão para promover a justiça merecida, entretanto, corremos o risco de nos tornar os monstros que combatemos. Em *Watchmen*, no final do capítulo VI, há uma citação do filósofo alemão *Nietzsche* (1844-1900): “Não enfrentes monstros

¹⁸ MOORE; GIBBONS, 2011, p. 30.

¹⁹ MOORE; GIBBONS, 2011, p. 7.

²⁰ HELD, Jacob M. Podemos Conduzir este Mundo sem Leme? Kant, Rorschach, Retributivismo e Honra. In: WHITE, Mark D. (Org.). *Watchmen e a Filosofia: um teste de Rorschach*. São Paulo: Madras, 2009. p. 30.

sob pena de te tornares um deles, e se contemplas o abismo, a ti o abismo também contempla”²¹. Assim já podemos imaginar como o herói Rorschach se transformaria.

Os motivos desse herói são puros: é a busca da justiça, da ordem moral, daquilo que é certo. Ele busca uma justiça *retributiva* ou *retificadora*, a ideia de procurar compensar uma injustiça mediante a retificação da situação, ou pela recuperação da igualdade a que a injustiça pusera fim, é o princípio “olho por olho, dente por dente”. O conceito de retificação sugere retirar do criminoso e que se dê à vítima dele. Contempla a ideia do castigo, revelando que a ordem moral está desequilibrada, enquanto essa é claramente difícil de reconciliar com as morais consequencialistas e antecipativas, uma vez que não faz referências às vantagens adquiridas com a retribuição, vendo-a apenas como um fim em si.²² Para Rorschach, os culpados devem ser punidos, pois são culpados, e a punição deles deveria ser proporcional aos seus crimes. A punição deve se adequar à gravidade dos crimes do malfeitor, tornando o herói, assim, um herói retributivista.

Para o também filósofo alemão *Kant* (1724-1804), “a [punição] deve ser sempre infligida sobre [o criminoso] apenas porque ele cometeu um crime”²³. Para ele, a punição não deveria ser dada para o bem do criminoso, como, por exemplo, para a reforma ou a reabilitação, pois assim seria tratá-lo como um animal, como um cão que é domesticado. O malfeitor não deve ser tratado como um mero fim, não devemos usar esse (uma pessoa) para os fins da sociedade, “pois um ser humano não pode nunca ser tratado com um meio para os propósitos de outro”²⁴. Com isso, o filósofo queria nos dizer que deveríamos tratar as pessoas com respeito. E os porquês de criminosos merecerem ser punidos, pois sua punição deve respeitá-los como agentes morais, e não animais a serem domesticados, como malfeitores a serem responsabilizados por suas ações.²⁵ Para Kant, “age de forma a usar humanidade, seja na sua própria pessoa ou na pessoa de qualquer outro, sempre, ao mesmo tempo, como fim, nunca meramente como meio”²⁶.

Se falharmos em punir os criminosos e malfeitores, estaríamos não os tratando como membros plenos da sociedade moral. Na visão de mundo de Rorschach, ele é ordenado por valores comuns, e os desviantes ameaçam sua coesão. Para ele, nossa dignidade está em agir como se o mundo fosse justo, mesmo quando ele claramente não é.²⁷ Para o filósofo *Hegel* (1770-1831), “a punição é o cancelamento do crime [...] e a restauração do que é certo”²⁸. Para ele, só por meio da punição podemos reafirmar os valores que foram transgredidos e fazer o criminoso sentir o erro que co-

²¹ NIETZSCHE apud MOORE; GIBBONS, 2011, p. 204.

²² BLACKBURN, Simon. *Dicionário Oxford de filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

²³ KANT, 1996, p. 331.

²⁴ KANT, 1996, p. 331.

²⁵ HELD, 2009, p. 33.

²⁶ KANT, 1986, p. 429.

²⁷ HELD, 2009, p. 35.

²⁸ HEGEL apud HELD, 2009, p. 35.

meteu. E Rorschach adora fazer o malfeitor sentir isso. A punição serve para proteger e reproduzir uma ordem moral ideal.

Cada um deve respeito ao próximo e tratá-lo como fim em si mesmo, como pessoas que merecem respeito pelo que são, agentes livres e racionais. A punição é, como descreve Jacob Held, meramente um instrumento para implementar essa ordem moral. E Rorschach expressa isso quando fala com o psiquiatra no presídio: “Este mundo sem leme não é moldado por vagas forças metafísicas. Não é deus que mata as crianças. Não é a sina que as esquarteja ou o destino que as dá de comer aos cães. Somos nós. Apenas nós”²⁹.

O valor da vida está em como ela é vivida. É somente com justiça e ética que vêm o valor e respeito para uma sociedade. Assim como Kant descreve, “pois, se a justiça se vai, não há mais qualquer valor nos seres humanos vivendo na Terra”³⁰. Rorschach busca essa justiça, uma centelha da moral, para uma luz no fim do túnel. Em um último diálogo com seus companheiros, *Ozymandias*, o homem mais inteligente do mundo, vendo que seu plano deu certo, comenta: “Duas superpotências desistindo da guerra (EUA e URSS). Eu salvei a terra do inferno. Nós salvamos [...]. Agora podemos voltar a cumprir nosso dever”³¹. E Rorschach responde: “O nosso dever é fazer justiça. Todo mundo vai saber o que você fez!”³², seguindo o diálogo:

Ozymandias – Será mesmo, Rorschach? Se me denunciar, irá sacrificar a paz pela qual milhões morreram hoje.

Coruja II – Paz baseada em uma mentira.

Ozymandias – Mas é paz, apesar de tudo.

Dr. Manhattan – Ele está certo. Se quisermos preservá-la aqui, temos que ficar em silêncio.

*Rorschach – Fiquem vocês com suas mentiras! Não faço acordos, nem mesmo diante do Armagedom.*³³

²⁹ MOORE; GIBBONS, 2011, p. 202.

³⁰ KANT, 2003.

³¹ WATCHMEN – O Filme. Direção: Zack Snyder. Produção: Lawrence Gordon; Lloyd Levin e Deborah Snyder. Los Angeles: Warner Brothers, 2009. 1 DVD (162 min.). Cap. 40.

³² WATCHMEN – O Filme, 2009. Cap. 40.

³³ WATCHMEN – O Filme, 2009. Cap. 40.



Figura 2: Quadrinho de Watchmen

Fonte: MOORE; GIBBONS, 2011, p. 403.

© 2011, DC Comics, inc. Todos os direitos reservados.

Fora do palácio de *Ozymandias*, *Rorschach* encontra *Dr. Manhattan*. E continua o diálogo:

Dr. Manhattan – *Rorschach*, você sabe que não posso permitir isso!

Rorschach – Se tivesse se importado desde o começo [com a humanidade], nada disso aconteceria.

Dr. Manhattan – Posso mudar quase tudo, *Rorschach*, mas não posso mudar a natureza humana.

Rorschach – Claro, deve proteger a utopia de *Veidt* [*Ozymandias*]. Um cadáver a mais não faz diferença. Muito bem, o que está esperando, anda, me mate, me mate [...] ³⁴.

Mesmo sabendo que essa seria sua última atitude antes da morte, no final da trama, *Rorschach* comenta: “O mal deve ser punido. Pessoas alertadas”³⁵. O herói sabe que se deixar o plano de *Ozymandias* escapar ileso, a justiça foi comprada, mas não realizada. Para Kant, sem justiça não há valor na vida humana. O herói se recusa a fazer concessões, vender a justiça, mesmo que isso signifique desfazer a ilusão de *Ozymandias* e, portanto, garantir que os milhões que morreram o tenham feito em vão. Na narrativa, enquanto lágrimas escorrem, sabendo do seu destino, ele grita: “Anda, me mate”, e *Dr. Manhattan* o evapora.³⁶ *Rorschach* não quis a morte. Ele entendeu o que os outros companheiros de luta contra o crime não conseguiam entender: “É me-

³⁴ WATCHMEN – O Filme, 2009. Cap. 41.

³⁵ MOORE; GIBBONS, 2011, p. 403.

³⁶ HELD, 2009, p. 37.

lhor sacrificar a vida do que negligenciar a moralidade. Não é necessário viver, mas é preciso que, enquanto vivemos, o façamos com honra³⁷.

Considerações finais

O mundo de *Watchmen* poderia ter sido real. Pode não existir um ser como o Dr. Manhattan, mas o arsenal atômico das superpotências da Guerra Fria ainda existe, ainda que parcialmente desativado. Além disso, com o avanço da ciência e da tecnologia, arsenais bélicos ao redor do globo têm se tornado cada vez mais poderosos e devastadores. Podemos não encontrar vigilantes mascarados combatendo o crime nas ruas, mas seguidamente vemos notícias de pessoas que tomam a justiça com as próprias mãos e recebem incentivos calorosos da população. Da mesma forma, forças fascistas se apropriam de símbolos e se arvoram em supostos representantes da vontade do “povo”. O mundo representado em *Watchmen*, em certa medida, existe, dado que a obra representa mitologicamente a relação da sociedade ocidental com o poder e todas as perversidades daí decorrentes.

Watchmen é uma das *graphic novels* mais aclamadas pela crítica e seu sucesso repercutiu significativamente no mundo das histórias em quadrinhos de super-heróis. Essa obra levanta questões que todos nós deveríamos observar com maior atenção. Afinal, quadrinhos podem ser objeto de investigação para diversas ciências, como a sociologia, a psicologia, a teologia, a história, a literatura, dentre outras.

Essa história, tanto nos quadrinhos quanto nas telas de cinema, é recheada de riquezas filosóficas, antropológicas e teológicas. Desde a natureza metafísica, passando por questões acerca da sociedade em que vivemos, até e principalmente acerca de questões éticas. Quem não queria viver o papel de *Rorschach* e sair por aí fazendo justiça com as próprias mãos? Quem não questiona se o *Ozymandias* não estava certo quanto à sua atitude?

Alan Moore criou uma realidade alternativa ao período da Guerra Fria, mas que, devidamente explicado, pode bem servir como pano de fundo didático sobre o conflito global. Então, além da finalidade explícita de proporcionar entretenimento, essa história em quadrinhos apresenta questões relacionadas ao comportamento moral. Elas mostram vivencialmente a importância dos dilemas morais que enfrentamos em nosso cotidiano, principalmente quando remetem a questões sobre poder e sociedade. Como afirmou *Rorschach*: “Por que existe o bem e existe o mal. O mal deve ser punido. Mesmo diante do juízo final³⁸”.

Diário de Rorschach. 1º de novembro de 1985. Me esforcei para ser compreensível. Acredito que tracei um quadro aterrador [...]. Quanto a mim, de nada me arrependo. Levei a vida livre de compromissos... e agora avanço rua às sombras sem me queixar.³⁹

³⁷ KANT apud HELD, 2009, p. 38.

³⁸ MOORE; GIBBONS, 2011, p. 30.

³⁹ MOORE; GIBBONS, 2011, p. 334.

Rorschach parece lembrar algumas figuras proféticas do Antigo Testamento que denunciavam a infidelidade do templo à aliança com Javé. *Ozymandias*, ao contrário, evoca uma imagem salomônica, como “homem mais inteligente do mundo” e, ao considerar-se tão sábio, move seu plano com a certeza de que nunca errará. Seu engano é exatamente o mesmo dos reis veterotestamentários: todo e qualquer poder é relativizado pelo tempo e pela dinâmica da história, lugar de atuação do Deus de Abraão. Mesmo em sua fortaleza na Antártica, de onde *Ozymandias* manipulou a todos, ele terminará seus dias solitário, sem ter a quem mostrar seus feitos. Enquanto isso, a palavra do mártir *Rorschach* passará de geração para geração.

Referências

- A HISTÓRIA das Histórias em Quadrinhos: a Era de Ouro. *Quadrinhos*. 12/04/2013. Disponível em: <<https://quadrinhos.com/2013/04/12/a-historia-das-historias-em-quadrinhos-a-era-de-ouro/>>. Acesso em: 15 fev. 2016.
- A HISTÓRIA das Histórias em Quadrinhos: a Era de Prata. *Quadrinhos*. 08/04/2015. Disponível em: <<https://quadrinhos.com/2015/04/08/a-historia-das-historias-em-quadrinhos-a-era-de-prata/>>. Acesso em: 15 fev. 2016.
- AGAMBEN, Giorgio. *O Mistério do Mal*. São Paulo: Boitempo, 2015.
- BÍBLIA SAGRADA: Edição pastoral. São Paulo: Paulinas, 1990.
- BLACKBURN, Simon. *Dicionário Oxford de filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- HELD, Jacob M. Podemos Conduzir este Mundo sem Leme? Kant, Rorschach, Retributivismo e Honra. In: WHITE, Mark D. (Org.). *Watchmen e a Filosofia: um teste de Rorschach*. São Paulo: Madras, 2009. p. 29-39.
- GOIDANICH, Hiron Cardoso; KLEINERT, André. *Enciclopédia dos Quadrinhos*. Porto Alegre: L&PM, 2011.
- HOBSBAWN, Eric. *Era dos Extremos – O breve Século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- KANT, Immanuel. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Lisboa: Edições 70. 1986.
- _____. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- _____. *The metaphysics of morals*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1996.
- KOTSKO, Adam. Política e perversão: Paulo segundo Žižek. *Cadernos de Teologia Pública*, São Leopoldo, v. 11, n. 88, 2014. Disponível em: <http://ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/teopublica/088_cadernosteologiapublica.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2016.
- MOORE, Alan; GIBBONS, Dave. *Watchmen*. New York: DC Comics, 1989.
- MOORE, Alan; GIBBONS, Dave. *Watchmen – Edição Definitiva*. Barueri: Panini, 2011.
- WATCHMEN – O Filme. Direção: Zack Snyder. Produção: Lawrence Gordon; Lloyd Levin e Deborah Snyder. Los Angeles: Warner Brothers, 2009. 1 DVD (162 min.).